



O trote como ritual de passagem em uma cultura canibal

Filipe Ceppas

Universidade Federal do Rio de Janeiro (filcepps@gmail.com)

ID <https://orcid.org/0000-0003-2499-9210>

Franklim Drumond de Almeida

Faculdade Jesuítica de Filosofia e Teologia (franklimdrumond@gmail.com)

ID <https://orcid.org/0000-0002-6381-6600>

Recibido: 31/07/2025 / Aceptado: 01/10/2025 / Publicado: 15/11/2025

Para citar este artículo:

Ceppas, F. & de Almeida, F. D. (2025). O trote como ritual de passagem em uma cultura canibal. *Ixtli: Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*, 12(24), 57-72.
<https://doi.org/10.63314/FCMQ4508>

Resumo

A história da universidade de origem europeia coexiste com a história do trote. Este artigo propõe uma leitura filosófica do trote universitário como rito de passagem sacrificial que expressa o funcionamento simbólico de uma cultura canibal contemporânea. Ao mobilizar os aportes teóricos da antropologia de Arnold van Gennep e da filosofia da diferença de Jacques Derrida, argumentamos que o trote universitário reproduz estruturas rituais de separação, purificação e assimilação que operam como modo de simbolizar a violência da desigualdade social. A prática é interpretada como mecanismo simbólico de incorporação, pelo qual o calouro, transformado em vítima, é integrado à comunidade acadêmica por meio de atos que encenam uma devoração. Ao final, a análise revela como o trote expressa a lógica meritocrática instalada em instituições públicas e seus efeitos subjetivos ao reproduzir hierarquias simbólicas.

Palavras-chave: trote, sacrificio, canibalismo

Sobre la novatada como ritual de paso en una cultura caníbal

Resumen

La historia de la Universidad de origen europeo coexiste con la historia de las novatadas. Este artículo propone una lectura filosófica de la novatada universitaria como rito de paso sacrificial que expresa el funcionamiento simbólico de una cultura caníbal contemporánea. Al movilizar los aportes teóricos de la antropología de Arnold van Gennep y de la filosofía de la diferencia de Jacques Derrida, argumentamos que el trote universitario reproduce estructuras rituales de separación, purificación y



ALFE

Asociación Latinoamericana
de Filosofía de la Educación, AC



asimilación que operan como modo de simbolizar la violencia de la desigualdad social. La práctica se interpreta como un mecanismo simbólico de incorporación, mediante el cual el estudiante de primer año, convertido en víctima, se integra en la comunidad académica a través de actos que escenifican una devoración. Al final, el análisis revela cómo la novatada expresa la lógica meritocrática instalada en instituciones públicas y sus efectos subjetivos al reproducir jerarquías simbólicas.

Palabras clave: novatada, sacrificio, canibalismo

About hazing as a rite of passage in a cannibal culture

Abstract

The history of the university, which originated in Europe, coexists with the history of hazing. This article proposes a philosophical reading of university hazing as a sacrificial rite of passage that expresses the symbolic functioning of a contemporary cannibalistic culture. By drawing on the theoretical contributions of Arnold van Gennep's anthropology and Jacques Derrida's philosophy of difference, we argue that university hazing reproduces ritual structures of separation, purification, and assimilation that operate as a way of symbolizing the violence of social inequality. The practice is interpreted as a symbolic mechanism of incorporation, whereby the freshman, transformed into a victim, is integrated into the academic community through acts that stage a devouring. Ultimately, the analysis reveals how hazing expresses the meritocratic logic installed in public institutions and its subjective effects in reproducing symbolic hierarchies.

Keywords: hazing, sacrifice, cannibalism

1. Introdução

A persistência dos trotes universitários em instituições de ensino superior, apesar de diversas proibições legais e campanhas institucionais, evidencia que essa prática ultrapassa a dimensão de uma recepção. O trote resiste como expressão de uma lógica cultural mais profunda que inclui um processo de *rito de passagem*. A entrada em uma nova ordem social, marcada por assimetrias, equivale aqui a um processo de incorporação. Compreender o trote universitário como um rito de passagem permite aprofundar a discussão sobre processos de assimilação violenta, típica de uma cultura do mérito e da performance.

A associação entre trote, rito e sacrificio permite reposicionar criticamente o fenômeno dentro do campo da filosofia e da antropologia. Os pensamentos de Arnold van Gennep (1873-1957), Jacques Derrida (1930-2004) e Nancy Fraser (1947) reforçam a compreensão da entrada no espaço universitário como reconfiguração identitária que se realiza por meio da violência ritual. O calouro, no trote ou recepção, é submetido a um conjunto de provas simbólicas – físicas, morais, psicológicas – que o deslocam de sua condição anterior e o inserem na comunidade universitária. Essa inserção, contudo, exige a renúncia de uma identidade anterior e a adoção de uma nova forma de pertencimento, conquistada à custa de um sacrificio que obedece a estruturas culturais que exigem, para o acesso, uma contrapartida de sofrimento, humilhação e submissão.

Longe de ser um fenômeno residual ou pueril, o trote expressa uma lógica social que se atualiza de modo paradoxal: ao mesmo tempo que sinaliza a entrada no mundo da razão, do saber e da formação acadêmica, ele é permeado por uma (ir)racionalidade violenta que reproduz categorias de exclusão herdadas da cultura moderna e colonial. A prática do trote, nesse sentido, pode ser lida como um ritual de canibalismo simbólico, em que o calouro é alienado, transformado em “carne ritual” e assimilado por uma comunidade que, para manter-se coesa, precisa reiterar sua fronteira entre o dentro e o fora, o civilizado e o bruto, o veterano e o novato.

Este artigo propõe, portanto, uma leitura filosófica do trote universitário como dispositivo sacrificial de incorporação, enraizado em estruturas simbólicas que articulam canibalismo, meritocracia e performatividade. Ao mobilizar uma perspectiva crítica sobre as formas contemporâneas de violência institucional, procuramos compreender de que modo tais ritos permanecem operando como tecnologias de subjetivação e controle, paradoxalmente acolhidas como tradição, festa ou celebração da entrada no ensino superior.

2. Elemento iniciático: o hino

Une catégorie est toujours une accusation

Derrida

Entre os gêneros musicais e literários, o hino se desenvolveu como gênero de exaltação que destaca qualidades de modo extremo. Aplicado a um território, o hino procura reunir de maneira grandiosa algo da história e dos elementos culturais mais relevantes. O hino também é utilizado como insígnia identitária de instituições como forma de apresentar de maneira potente e breve suas características. Assim, ele deve servir como mediação de reconhecimento entre aqueles que fazem parte de certa instituição.

A origem grega da palavra aponta para a figura mítica “*Ὕμνος* (Himno), um pastor frígio morto pela ninfa Niceia; também para o feminino ‘*Ὕμνων* (Himnó), possivelmente uma das Musas; e para ‘*Ὕμναῖος*, ‘*Ὕμνην* (Himeneu, Hímen) divindade dos casamentos que tem sua origem confundida com as próprias canções nupciais (Dicionário Etimológico da Mitologia Grega, 2013, p.141)¹. O hino, como gênero literário, é o mais favorável à jactância de origem e aproxima-se muitas vezes da xenofobia.

¹ Hímen é elemento central na análise que Derrida propõe de ideias caras à produção literária de Mallarmé. Em *La dissemination*, de 1972, são apresentadas questões relacionadas ao gênero (ou à “diferença sexual”), que serão desenvolvidas ao longo de todo o projeto da desconstrução. Esse “não lugar”, esse *entre* um dentro e um fora, é uma imagem (conceito) que pode ser aplicada ao trote,

Na mitologia grega, Himeneu foi um jovem morto no dia do casamento e, por isso, cantado em outras núpcias para ser propiciado (Theoi, 2024, s.p.). Nessa história, o papel do hino pode ser entendido como uma mediação substitutiva ao sofrimento. Um modo de aplacar a dor e proteger-se de um risco possível. O hino, como uma canção celebrativa para ocasiões e lugares, com carga emocional excessiva, foi qualificada com um neologismo de curiosa origem brasileira, a partir do século XX. O adjetivo “ufanista” passou a compor a semântica do hino como uma de suas características. Segundo o Dicionário Aurélio, o termo “ufanismo” baseia-se no espírito laudatório da obra *Porque me ufano do meu país* (1901), de Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, político e poeta, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras (ABL). De origem espanhola, “ufano”, como correspondente de orgulho, passou a ser utilizado para o tipo de patriotismo exacerbado que qualifica certas criações literárias. O Hino Nacional Brasileiro nos proporciona um exemplo em seus versos “Verás que um filho teu não foge à luta, / Nem teme, quem te adora, a própria morte”. Esse tipo de texto indica uma assimilação completa da identidade nacional, sem a qual a pessoa não poderia viver e, portanto, pela qual aceitaria a morte.

Em *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo* (2006), Benedict Anderson discute um dos aspectos que tornam o hino uma mediação cultural que promove a imaginação de uma comunidade: o uníssono. Ao cantar um hino, em certas datas e locais, a pessoa implica-se numa tradição que promove certa simultaneidade. O canto pessoal une-se ao canto de antepassados e de outros companheiros no mesmo lugar ou em outros lugares que repetem, em uníssono, declarações de louvor institucional. O resultado dessa simultaneidade é a imaginação de uma unidade, um nós comunitário. Essa experiência de simultaneidade imaginada opera na subjetividade conformando a identidade, embora não haja forte relação intersubjetiva entre os participantes, “o som imaginado” do coro (Anderson, 2008, p.204) confirma uma identidade.

Entre as expressões estéticas da assimilação à universidade, o hino é um dos elementos que muitos calouros devem aprender no seu processo iniciático, ainda que nem sempre se trate do hino oficial do centro universitário, mas de alguma canção paródica. Em resumo, o hino é um dos elementos que pretendem despertar um sentimento ufanista com relação a um curso ou a uma instituição de ensino superior, fazendo parte de repertórios e práticas que, durante os trotes universitários, objetivam a incorporação por meio de sacrifícios.

3. Mediação identitária, assimilação, incorporação

Além do hino, há muitas mediações estético-políticas que influem sobre as identidades em rituais de acesso às instituições e que podem ser analisadas com o auxílio das ideias que Jacques Derrida desenvolveu em seus seminários de 1989-1991 sobre

enquanto rito de passagem, relevante para uma análise do machismo e da emasculação nesse tipo de ritual.

assimilação/incorporação.² Nesses seminários, o canibalismo é um tema entrelaçado à relação metafórica estabelecida entre comer e pensar, explorada por Derrida notadamente a partir de *Glas* (1974). O comer como metáfora da assimilação operada no ato de pensar esteve entre os temas discutidos por Derrida. Em entrevista a Daniel Birnbaum e Anders Olsson, o filósofo franco-argelino afirma: “as figuras de incorporação na hermenêutica e na filosofia especulativa são o que chamo de ‘tropos de canibalismo’”(Birnbaum, 2009, s.p.). Se entendermos tropos como um conjunto semântico ou direção a que certos conceitos se encaminham, é possível compreender a familiaridade das experiências de comer, assimilar, pensar, interpretar etc. O tropos do canibalismo, pelo qual a filosofia se estrutura, faz com que o discurso filosófico estabeleça uma “relação de identidade, ou ao menos de semelhança” (Salvaterra, 2020, p.351) entre o sentido comum de uma palavra e um sentido técnico-filosófico. Com isso, o conceito filosófico pretende revelar algo da realidade de modo posterior ao sentido da palavra e antes de ser um conceito. É por uma certa magia de assimilação/incorporação que o conceito pretende carregar algo de uma pura designação da palavra.

Derrida explora o comer metonímico que “descreve a operação da subjetividade, enquanto apreensão do outro pelo pensamento, mediante a experiência, simbólica ou real, do comer – falar – interiorizar” (Salvaterra, 2020, p.357). Salvaterra, ao analisar os seminários sobre canibalismo de Derrida, ressalta a tese de que o “...‘pensar’, em geral e em todas as suas formas (compreender, idealizar, apreender, significar, falar, sentir, relacionar, etc.), é sempre uma incorporação do outro e um ultrapassamento da fronteira que divide o interior e o exterior: é como comer” (Salvaterra, 2020, p.365). Podemos compreender, de modo semelhante os rituais de passagem, como formas de *assimilação*, de “*pensamento*” instauração de identidades? O hino e o trote, como expressões de adesão ufanista a uma realidade espacial ou temporal, não devem ser entendidos como expressão/regurgitação da incorporação simbólica dessa realidade? Não seria o trote uma espécie de “banquete” celebrativo sacrificial?

4. Canibalismo e incorporação ritual: o trote

Alguns estudos sobre a aplicação de trotes, no Brasil, demonstram o papel desse evento universitário para a incorporação de novos membros nos centros universitários. Na década de 1960, ao analisar o trote aplicado aos novos alunos do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), Antipoff considerou que o evento “possui propriedade de ordem psicológica e social, que muito aproxima calouros e veteranos, propiciando uma atmosfera de camaradagem e, sobretudo, de honestidade, ao propugnar o culto da tão falada

² Os seminários inéditos *Manger l'autre*, de 1989-90, e *Rhétoriques du cannibalisme*, de 1990-1991 encontram-se disponíveis para consulta na Universidade de Irvine (EUA) e no *Institut Mémoires de l'édition contemporaine - IMEC* (França).

‘disciplina consciente’”(Antipoff, 164, p.75)³. Em sua análise, Antipoff examina o trote como um evento de purificação da vítima (calouro) incorporada pelo herói (veterano). Neste caso, o trote, como um evento de passagem, serve de mediação para que a vítima ascenda ao estatuto heroico, passe de calouro a veterano. O trote torna-se uma celebração sacrificial em que se canibaliza o aprovado/provado (calouro) e se garante a continuidade da estrutura social⁴. Sua estrutura é violenta. A atmosfera que gera é de uma camaradagem de sobreviventes, do mesmo tipo que geram as experiências concentracionárias. Como Antipoff registra, em situações ameaçadoras como a entrada na comunidade universitária, não há quem não se deixe penetrar efetivamente. Resulta daí um fenômeno de aproximação efetiva, como o frequentemente lembrado na literatura - amizades contraídas em campanhas militares, em campos para detentos, etc. Trata-se de uma aproximação decorrente na sua origem de um mesmo tipo de sofrimento e que, no caso, é o trote (Antipoff, 1964, p.88).

Entretanto, a incorporação-divinização da vítima do trote que passa de calouro a veterano não pode ser total, como em qualquer sacrifício. O sacrifício, mesmo o holocausto, tem um resto. O regime de nomeação calouro/veterano como definição categórica que distingue vítima de imolador pode ser compreendido como um modo com que se manifesta a desigualdade de nossa sociedade. Desigualdade que também pode ser pensada por meio do tropo canibalismo, na medida em que a exploração do trabalho é um modo de devoração da vida dos trabalhadores (Fraser, 2024). Derrida afirma que “uma categoria é sempre uma acusação” (Derrida, 1990, s.p.). A mudança de categoria operada, de modo violento, no trote não deixa de acusar o arranjo social que separa, de modo brutal, quem tem acesso à universidade daqueles que não têm acesso a ela.

Os professores Marco Akerman e Silmara Conchão conduziram, em 2015, um estudo sobre a recepção de uma turma de calouros na Faculdade de Medicina do ABC (FMABC). O relato foi publicado em 2020 e contribui para a percepção sobre a continuidade das violências do trote. A pesquisa de Akerman e Conchão foi conduzida cinco anos após várias intervenções para alterar a cultura de trote realizada na Faculdade de Medicina do ABC. Em 2015, a turma

³ Disciplina Consciente ou DC “é o código de ética dos alunos e professores do ITA, que permite, entre outras coisas, a confiança mútua e a execução de trabalhos e provas sem a fiscalização dos professores. De difícil definição devido aos seus aspectos subjetivos, consiste no entendimento, conscientização, discernimento, vivência e prática das normas vigentes, sem necessidade de fiscalização ostensiva (APG-ITA, 2025, s.p.). Para garantir a execução da DC, existe no ITA um Departamento de Ordem e Orientação composto por estudantes. O conceito pertence à história da instituição desde a década de 1950, quando “o professor Joseph Morgan Stoke, ex-professor do Massachussets Institute of Technology - MIT e primeiro chefe da Divisão de Alunos” o propôs como forma de método disciplinar interno (Gomes, 2004, s.p.).

⁴ É de notar que a conclusão do ensino universitário, em nossos dias, não é garantia de mudança de classe social ou garantia de emprego. No entanto, o estatuto cultural do ensino superior permanece relevante, tendo em vista a baixa escolaridade geral em nosso país.

responsável pela recepção dos calouros foi aquela que motivou as intervenções da faculdade após denúncias contra uma “recepção” realizada em 2010.⁵

Os pesquisadores encontram uma realidade pouco diferente, tendo recebido relatos em que se destacam os temas da “tradição” e da “hierarquia”, sendo que “a palavra ‘hierarquia’ aparece com frequência em torno de 70% das narrativas” (Akerman; Conchão, 2020, p.3). Em um dos relatos é possível perceber que a ideia de participação no privilegiado mundo dos futuros médicos é gestada pela incorporação de práticas determinadas pelo grupo, caracterizando-se pela imposição de ideias que não são exatamente motivadoras de afeição à profissão ou à faculdade. A pessoa entrevistada diz: “sinceramente, o que nos é vendido como tradição tem uma boa dose de lavagem cerebral. Eu perfeitamente sou capaz de amar a faculdade sem necessariamente estar disposta a me enquadrar num sistema que não faz sentido para mim” (Akerman; Conchão, 2020, p.4).

Apesar de ser proibido no Estado de São Paulo pela Lei Nº 10.454, de 20 de dezembro de 1999, o trote continuou a existir nas universidades públicas e privadas sob a alcunha de “recepção”. A persistência dos atos violentos levou à edição de uma nova lei, em 2024, igualmente sumária e muito parecida com a de 1999. Trata-se da Lei Nº 18.013, de 05 de agosto de 2024. A principal diferença entre ambas é o objeto, enquanto a primeira veda a realização de trote, a segunda veda

a realização de atividades de recepção de novos estudantes, ou ao longo do ano letivo, em instituições de educação técnica e superior que envolvam coação, agressão, humilhação, discriminação por racismo, capacitarismo, misoginia ou qualquer outra forma de constrangimento que atente contra a integridade física, moral ou psicológica dos alunos (São Paulo, Lei 18.013/ 2024).

5. Rito de passagem

A incorporação à comunidade universitária de maneira violenta, ainda que incruenta, acompanha em muitos aspectos os processos ritualísticos de passagem. Van Gennep, em *Os ritos de passagem* (2011), aborda diferentes formas desses ritos, nos quais podemos incluir o trote. Gennep comprehende que os ritos de passagem têm, principalmente, a função de levar a pessoa de um estágio a outro, seja com relação à idade, à localização, ao estado de vida ou à hierarquia social. A Universidade, como indica Derrida, pode “servir a finalidades inaparentes, reconstituir poderes de casta” (Derrida, 1999, p.154) e ser o

⁵ Os trotes violentos na Faculdade de Medicina do ABC foram por diversas vezes noticiados na imprensa e na televisão, em especial em 2004 e 2006. Ver, por exemplo, <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1802200427.htm> Infelizmente, diversas outras instituições de ensino superior também são objeto de atenção, anualmente, em função do grau de violência de suas “recepções de calouros”. O último caso de repercussão foi na Unesp, em 2025. https://www.youtube.com/watch?v=fj9tg1z_QJE

ambiente de muitas mudanças na vida dos graduandos, não só aquela ligada à sua formação profissional. Gennep chama de ritos de agregação aqueles que incluem uma pessoa a uma fraternidade, compondo, com o rito de separação e um período de margem, o ritual de passagem.

Rituais de passagem, assim, têm um “esquema completo [que] admite em teoria ritos preliminares (separação), *liminares* (margem) e *pós-liminares* (agregação)” (Gennep, 2011, p.30), não se tratando de um ato isolado, mas de um prolongamento de ações mágico-religiosas que têm o papel de conceber uma nova identidade ou personalidade. Embora se assemelhem, cada ritual de passagem tem uma finalidade própria. O trote, poderíamos dizer, tem o papel de conceder uma nova identidade ao calouro. Não apenas identidade de universitário, mas antes de universitário de uma certa faculdade. Por isso, os trotes são realizados pelas turmas mais antigas de cada curso e, normalmente, não de maneira generalizada. O objetivo é criar uma identificação à fraternidade de futuros profissionais. A resistência costuma gerar mais violência, como no caso de Francisco da Cunha e Menezes, que foi morto após resistir ao trote aplicado na Faculdade de Direito de Olinda, em 1831, “o primeiro registro de morte” (Fante, 2008, s.p.) nessa situação, no Brasil.

A violência aplicada no ritual de passagem, segundo Gennep, funciona ora como purificação, ora como ilustração e, em muitos casos, um meio para garantir uma marca permanente que incorpore o calouro à fraternidade. O caso das incisões e mutilações físicas, presente em muitas culturas, testemunha que as relações fraternais se estabelecem também graças a esses tipos de amuletos incorporados que assinalam a força do clã/fraternidade.

O uso de sacrifícios de animais se apresenta como mediação da transformação – a passagem de calouro a veterano também inclui certa transformação animal/humano. Segundo Zuin, já “em 1491, os veteranos alemães da universidade de Heidelberg rotulavam o calouro como um animal que precisaria passar por uma série de provações para poder ser considerado civilizado” (Zuin, 2011, p.590). A simbolização em animal, seja pelo uso de adereços ou máscaras (como narrado por Antipoff e por Zuin), seja pela atribuição de apelidos (conforme Rodrigues et all, 2020, e Akerman; Conchão, 2020) constitui um importante momento da separação do calouro em relação ao seu mundo familiar e a comunidade universitária. A atribuição de uma identidade inumana, muitas vezes relacionada a algum traço físico, tem em vista uma redução ao manipulável. O processo alcança seu objetivo se é realizado “por meio de um espetáculo na frente da comunidade” (Anest, 1994, p.124).

Antes de avançar na análise do trote enquanto iniciação sacrificial, vejamos, com a ajuda de Antipoff, Zuin e Rodrigues, como ele reproduz a tríade que forma o ritual de passagem, segundo Gennep: separação, período de margem e agregação. Gennep narra a sequência de ritos para a entrada em sociedades especiais de tribos do Congo e da Guiné, contendo elementos comuns a outras comunidades. Segundo a recolha de etnólogos citados em Os ritos:

A sequência dos ritos é a seguinte: separa-se o noviço de seu ambiente interior (reclusão na floresta, para a qual é levado; lustração; flagelação; intoxicação pelo vinho de palmeira, tendo como consequência a anestesia), ao qual (*sic*) está “morto”, sendo agregado ao novo ambiente. Em seguida vem o período de margem constituído por mutilações corporais (circuncisão, que algumas vezes é praticada na criança de pouca idade, sem conexão com a sociedade secreta), pinturas corporais (em branco, vermelho). Os noviços permanecem nus durante toda a duração das provas, porque estando mortos, não devem sair de seu retiro e mostrar-se aos homens. Há ainda a instrução pelo *nganga* (padre-mago), língua especial, alimento especial (tabus alimentares). Depois vêm os ritos de reintegração ao ambiente anterior, elemento que não precisa existir para os iniciados no clã totêmico ou na fraternidade (Gennep, 2011, p.83).

A narrativas apresentadas por Gennep e as práticas realizadas em diferentes universidades apresentam grande proximidade. Nas narrativas recolhidas por Antipoff, Rodrigues, Zuin e outros, referentes a manifestações públicas de “agregação” de calouros a diferentes faculdades, ao longo dos séculos XX e XXI, observam-se os seguintes ritos:

- a) Separação: os calouros são proibidos de sair do campus ou do local em que ocorrem festas ou eventos. Esse período pode durar todo o evento ou algum tempo maior. Alguns dos eventos ocorrem em centros esportivos ou em bares aos quais os calouros são constrangidos a ir. Em muitas ocasiões há algum tipo de lustração, muitas vezes envolvendo lama, tinta ou bebida alcóolica. Pode acontecer, ainda, de se exigir a nudez para o banho lustral⁶. Nessa fase, podem ocorrer flagelações ou outros castigos físicos.
- b) Período de margem: tempo em que o calouro é chamado de “bicho”. Nessa fase, a identidade que fora comprometida permanece em transição. O objetivo desse período é o de introdução a costumes, tradição e hierarquia da fraternidade. Pode ser exigido do calouro que limpe sapatos, organize ambientes, elabore trabalhos para veteranos, participe de atividades extracurriculares, sirva comida. Nesse período pode ocorrer assédio moral para que o calouro faça algo que o identifique com a fraternidade, por exemplo, atacar grupos de outros cursos.
- c) Agregação: quando o calouro deixa de ser chamado de “bicho” e se torna membro da fraternidade, assumindo algumas responsabilidades.

⁶ Rodrigues *et. al.* apresentam um relato muito parecido com a descrição de Gennep: “antes de entrar na faculdade, ficava horrorizada com os relatos de colegas que já tinham passado pelo trote e contavam que foram obrigados a brigar entre si em um buraco com lama em que tinha bichos, andar amarrados enquanto recebiam ordens, ajoelhar e jurar servir seus veteranos, passar uma bala de boca em boca, colocar preservativo em uma banana usando a boca, tudo isso sempre supervisionado por dezena de pessoas aos berros e risos” (Rodrigues *et. al.*, 2020, p.13489).

A estrutura do trote possui um caráter de captura da vítima que consiste em tornar aceitável e normal o que é violento. “Os trotes são considerados normais, como parte inseparável do processo de ‘iniciar-se no ensino superior’, e são vistos por muitos mesmo como uma vitória” (Rodrigues et. al., 2020, p.13483). Essa narrativa alimenta o orgulho de muitos assediados e forma o discurso de repetição. A ideia de tradição tem, portanto, um papel fundamental para a reproduzibilidade do trote. A pessoa que foi vítima de assédios e violências torna-se “devedora” do aceite do grupo e, assim, responsável por sua manutenção. A assimilação da violência, nesse sentido, é fruto de um processo em que a vítima foi deglutida e incorporada, além de ter se alimentado do ideal da fraternidade. A estrutura psicológica pessoal une-se à estrutura social tradicional.

O ritual de passagem pelo qual o calouro é iniciado à fraternidade de seus colegas veteranos constitui um caso contemporâneo de prática ritual em que o discurso de êxito e conquista se confronta com um claro sacrifício. A previsão do sacrifício por parte dos calouros, dada a notoriedade dos trotes aplicados sob o codinome “recepção”, é parte da preparação para os primeiros dias de aula. Essa previsão assinala o próprio caráter sacrificial do trote. Iremos analisar esse caráter a seguir, considerando o trote como um rito de sacrifício, tal como o mecanismo da *devotio* que, embora seja “um sacrifício de si ou como forma especial do sacrifício ordinário” (Gennep, 2011, p.156), tem por objeto algo de que o imolador não dispõe efetivamente.⁷ No caso do calouro, a própria identidade foi separada simbolicamente, não lhe pertencendo mais durante o trote e, por isso, sacrificada como uma *devotio*. É esse sacrifício, simbolizado de diferentes formas, que se torna o garante da passagem iniciática.

6. Trote como iniciação sacrificial e o resto

A entrada na fraternidade por meio de ritos iniciáticos, como vimos, comporta diferentes níveis e tipos de ações violentas. Entre os diversos modos de significar a mudança de personalidade está o corte ou raspagem do cabelo. Para Gennep, “na realidade aquilo que se denomina ‘o sacrifício dos cabelos’ compreende duas operações distintas: a) cortar os cabelos; b) dedicá-los, consagrá-los ou sacrificá-los. Ora, cortar os cabelos é separar do mundo anterior” (Gennep, 2011, p.143). É comum que os trotes aplicados em universidades brasileiras envolvam esse rito.

⁷ “DEVOTIO. Uma forma especial de voto, pelo qual pessoas ou coisas expressamente designadas são entregues aos deuses infernais, sem que o autor do voto tome para si a responsabilidade de realizar a consagração ou o sacrifício das pessoas e coisas ‘devotadas’. (...) A *devotio* é um pacto de um tipo particular, pelo qual as divindades subterrâneas são convidadas a tomar para si, ou, em outras palavras, a destruir, o que o autor do voto tem o desejo, mas não o poder ou o direito, de lhes dar. Qualquer que seja sua intenção, quer esteja agindo em ódio ao objeto dedicado ou para desviar os desejos dos poderes sobrenaturais de objetos mais caros, o pacto é imediatamente executável, e sua execução pelas divindades envolvidas significa que elas aceitam as ofertas feitas a elas, com todas as consequências esperadas e previstas pelo autor da *devotio*” (Daremberg; Saglio, 1892, p.113).

Para Zuin (2002), em parte, a tradição do corte de cabelo alia-se a medidas profiláticas para evitar propagação de doenças, tal como se fazia na Idade Média e ainda se faz nas prisões e no exército. No trote, a prática persistiu como modo de realizar a separação entre o mundo não universitário e a vida universitária. O “sacrifício dos cabelos” é um dos ritos que compõem o conjunto do ritual de passagem. Sacrificar permite a incorporação direta, quando se consome a vítima, ou indireta, quando o benefício é alcançado sem a consumação da carne. O comer no sacrifício ou pelo sacrifício é fenômeno recorrente em diversas culturas.

Edward F. Edinger, analisando as obras de Jung, desenvolve uma classificação dos tipos de sacrifício que pode nos ajudar a compreender a especificidade da natureza sacrificial do trote. A própria palavra trote está associada a trotar e, por extensão, a amansar, no sentido de transformar o selvagem (influenciado pelas forças da natureza) em civilizado (capaz de controlar os instintos animais pela formação cultural):

Para fins de discussão, podemos distinguir quatro ideias principais no antigo ritual sacrificial. Os antigos estavam conscientes de uma instância transpessoal (Deus) que afeta os assuntos humanos. Mediante o sacrifício, eles tencionavam 1) oferecer *pagamento* a Deus em agradecimento por bênçãos recebidas ou por males evitados, um suborno que opera segundo princípio *do ut des* (dou para que você dê). Um subconjunto, mas suficientemente importante para garantir uma categoria separada são 2) aqueles sacrifícios pensados como reparação ou expiação pelo pecado. Outra ideia por trás do sacrifício é 3) a *alimentação de Deus*. Originalmente, a fumaça e o suave odor que sobem aos céus foram pensados para serem literalmente consumidos e apreciados por Deus. Finalmente, 4) há uma *alimentação do ser humano* mediante a refeição de comunhão. Os adoradores comem a carne da vítima consagrada que pertence a Deus. Destarte, os participantes estão, de fato, *alimentando-se de Deus* (Edinger, 2024, p.91)⁸.

As duas últimas categorias são as que nos interessam nesse caso. Ser subjugado pelo trote faz com o que o calouro ofereça ao veterano um dom de si, simbolizado nas muitas formas de submissão, incluindo as sexuais. Como narra Mattoso em seu livro *O Calvário dos Carecas: história do trote estudantil* (1985), para livrar-se de castigos inexplicáveis, pode ocorrer de “mammar de vez em quando um esfollagato: Por dá cá aquella palha irem-lhe ao couro” (citado por Rodrigues et. all, 2020, p.13486).⁹

⁸ Salta aos olhos, nessa classificação de Edinger (e na caracterização da comensalidade de Gennep, que veremos, logo a seguir), o paradigma cristão de interpretação do sacrifício, como se todo sacrifício implicasse, necessariamente, uma comunicação com o divino, sendo o sacrifício de Jesus na cruz uma espécie de ápice ou modelo, a partir do qual todos os demais podem ser mais bem compreendidos. Essa crítica de M. Detienne e J.P. Vernant, realizada em especial em *La cuisine du sacrifice en pays grec* (1979), foi dirigida contra a influência das ideias de H. Hubert e M. Mauss, desenvolvidas no clássico “Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício” (CosacNaify, 2013). Ver, ainda, Bloch (2006).

⁹ Glauco Mattoso trata da relação abusiva entre veteranos e calouros: “mammar de vez em quando um esfollagato” refere-se à felação humilhante. Esfola-gato é alcunha de pessoa vil. Em Portugal, foi utilizada pelos moradores de Caldas de Taipas para se referir ao povo de Guimarães. “Por dá cá aquella

O objetivo de sacrifícios para agradar pode ser identificado também no trote, enquanto mecanismo para fortalecer a sua própria cultura, ou seja, o reconhecimento do poder do veterano em relação ao calouro. Alimentar a divindade, nesse sentido, tem a primeira função de reconhecê-la. Toda a ritualística do trote envolve o reconhecimento, muitas vezes sancionado pela direção das universidades, autorizando os veteranos a realizar o trote/recepção, inclusive no ambiente do campus.

Para Edinger, o sacrifício é uma “compulsão instintual” que visa “estabelecer relações entre o eu e o si-mesmo” (2024, p.91). No trote, podemos dizer que o sacrifício tem a função de reestabelecer a identidade pessoal, diante da ameaça efetiva à integridade biopsíquica. No trote acontece o *re-conhecimento* do veterano enquanto veterano. Esse reconhecimento se dá pela instituição de um rito de passagem em que uma nova vítima é determinada. O trote, por isso, ratifica que o veterano já não é mais calouro na medida em que ele agora é quem nomeia alguém para ocupar esse papel social na assimétrica relação calouro/veterano.

Outra característica do trote enquanto sacrifício envolve uma refeição de “comunhão”. Para Gennep, “a comensalidade, ou rito de comer e beber em conjunto (...) é claramente um rito de agregação, de união propriamente material, o que foi chamado um ‘sacramento de comunhão’” (Gennep, 2011, p.43). Esse sacramento/rito visa pôr em comum o humano e o divino, que compartilham o mesmo alimento, tendo em vista que “comer não é outra coisa senão assimilação” (Novalis, 1997, p.102). O trote, entendido como sacrifício em que se canibaliza o “animal” calouro para que ele se torne um membro do grupo é uma modalidade social da assimilação que o comer representa.

Derrida alerta que na metáfora do comer, ou do comer o outro, há algo “que não se deixa assimilar, não pode ou não deve (...) se deixar assimilar” (Derrida, 1990, p.21). Esse resto vigora como diferença, como um quê inapreensível que sustenta uma oposição entre quem come e o que é comido; entre aquele que pensa e o que é pensado; no trote, entre calouro e veterano. O trote, como ritual de passagem, portanto, deve preservar em alguma medida o calouro. A existência de comissões de acompanhamento e regulamentos para um procedimento adequado do trote demonstra seu forte papel institucional. Essas comissões têm o papel regulador, como ocorre nos sacrifícios, incluindo seus interditos. Se considerarmos que o calouro é reconhecido como neófito que deve ser assimilado à fraternidade, fica mais compreensível a utilização de mediações para sacrificá-lo simbolicamente. Sua transformação deve preservar alguma coisa da matéria que, consumida, é transformada em algo novo. Esse é o passo em que ocorre a purificação da vítima (calouro) e sua incorporação pelo herói (veterano).

Da parte do calouro, a adesão ao ritual de passagem, a “comunhão” no trote, ou o sacrifício de sua recusa (ou de sua vontade/desejo de revidar) contribuem para a sua transformação e introjeção como membro da fraternidade. Já por parte do veterano, a comunhão gera,

palha irem-lhe ao couro” é uma referência à expressão popular ibérica, segundo Guilherme Santos Neves (2016, s.p.) com sentido de dar motivo (palha) fútil para receber punição/castigo, o verso aparece em soneto de Antônio Duarte Ferrão (1912. p.147).

também, transformação ou renovação/reafirmação de sua superioridade enquanto instrumento de incorporação do calouro. Segundo Edinger, a comunhão leva à “transformação e a humanização de Deus” (2024, p.60). Se considerarmos os termos calouro/humano e veterano/divino, a comunhão no trote tem o objetivo de comunicar entre ambos suas qualidades: reconhece a “divinização” do calouro, enquanto comemora a “humanidade” do veterano, segundo a lógica do sacrifício religioso.

Tal lógica persiste na sociedade ocidental sob fenômenos como o trote, em que as relações sociais se mostram estruturadas em relações canibais. A corporeidade de quem não participa da formação universitária pode ser considerada a carne a ser consumida-descartada, enquanto a corporeidade daqueles que acessam a universidade é a carne verdadeira que deve ser assimilada por meio de rituais apropriados. Uma sociedade que consome seus partícipes (ao contrário das sociedades antropófagas, que incorporam o outro inimigo) precisa estabelecer meios de reprodução distintos. Assim, por exemplo, Detienne, tratando do sacrifício e seus interditos, sublinha que a matéria do sacrifício, a carne, podia ter diferentes concepções para os gregos, sendo que o sacrifício do boi de arado era um tabu, pois “a verdadeira carne é a carne do boi de arado cujo abate é formalmente proibido” (Detienne, 1998, p.146)).

7. Considerações finais: capitalismo, cultura canibal e trote

O capitalismo é uma grande máquina de reprodução econômica que a uns garante a assimilação e a outros consome. Em *Capitalismo Canibal*, Nancy Fraser se utiliza da imagem do canibalismo para qualificar o capitalismo, defendendo que “a classe capitalista [...] se alimenta de todos os demais” (Fraser, 2024, p.11); ela devora quem não participa do sistema, transformando-o em recurso a ser consumido. Fraser explica ainda que, no mundo dos negócios, “o verbo ‘canibalizar’ significa privar um estabelecimento ou empreendimento de um elemento essencial para seu funcionamento a fim de criar ou sustentar outro” (Fraser, 2024, p.11), estabelecendo distinções que visam a manutenção de uns e o consumo de outros. Outra expressão significativa é “Zona de sacrifício”, usada para indicar um lugar que é explorado economicamente até o seu esgotamento, causando impactos ambientais muitas vezes irreversíveis e atingindo negativamente as populações vulneráveis.

A operação simbolizada no trote faz parte daquilo que Fraser identifica como central para o sistema capitalista, a assimilação por meio de uma “operação sacrificial simbólica” que aponta para “um processo de ‘interiorização idealizante’ do outro”, como afirma Salvaterra (2020, p.360). Em sua história, Heródoto informa sobre a aversão grega aos povos “andrófagos”, os mais selvagens dos homens que “não conhecem nem a lei, nem a justiça, e são nômades. [...] os únicos a comerem carne humana” (Heródoto, 2019, p.106). O andrófago, hoje, no contexto capitalista seria não o habitante longínquo, mas o comum, o vizinho, o familiar.

Derrida, nos seus seminários de 1989 e 1991, explora a tese da busca de assimilação do outro por meio de rituais que incorporem a palavra e a identidade. O movimento para tornar-se o outro (e, assim, tornar-se outro), através de imagens canibalescas, acompanha o desenvolvimento humano, a literatura e a filosofia desde suas primeiras expressões. Pensar o resto que esse processo produz, resto violento, como o trote — um incômodo, mas incorporado/assimilado na sociedade como *recepção* — implica tentar compreender melhor o resquício-permanência de formas rituais arcaicas e violentas em uma civilização que se pretende racional e não violenta, abrindo caminho para formas de pensamento voltadas mais para a partilha, para o diálogo, e, quem sabe, a instituição-ritualização de novos modos, não violentos, de *recepção/incorporação* dos calouros.

Em sua conferência *As pupilas da Universidade: o princípio de razão e a ideia da Universidade*, proferida na Universidade de Cornell, em abril de 1983, Derrida se pergunta se é possível ao mesmo tempo guardar a memória e guardar a sorte/chance.¹⁰ Sua proposta é que a universidade tem o duplo papel de conservar e inventar, no ensino e na pesquisa (e, diríamos, também na extensão). Ao final da palestra, ele diz: “não sei se é possível guardar ao mesmo tempo a memória e a sorte. Sou, antes, tentado a pensar que uma não se guarda sem a outra, sem guardar a outra e sem guardar outra [uma outra espécie de sorte e uma outra espécie de memória]” (Derrida, 1999, p.157), sendo uma responsabilidade da universidade guardar a memória enquanto conserva o pensamento e guardar a sorte enquanto investe na pesquisa.

O trote, segundo esse pensamento, é um resto que se conserva no interior da universidade como permanente sinal social de que a dialética pessoal memória/descoberta é atravessada pela violência da diferenciação. A diferença, entretanto, pode exigir uma outra ritualização que acomode o assombro e abra caminho à partilha de outro futuro possível. Recusar o trote universitário como “um acontecimento do qual não se sabe se, apresentando-se na Universidade, pertence à história da Universidade” (Derrida, 1999, p.156) — vale dizer, ou assim o interpretamos: como algo que, embora nela tenha a sua história, não lhe seja “inerente” — permite pensar um futuro menos violento em que as comunidades universitárias, como comunidades de pensamento e ação, superem esse canibalismo das identidades; o que implica, evidentemente, defender um sistema universitário comprometido com a luta contra a voracidade capitalista, as desigualdades econômicas, sociais e educacionais.

Referencias

¹⁰ *Chance*, em francês, que, como chance em português, guarda também o sentido de oportunidade. Ver Laurence Cornu, “A desconstrução como memória e como chance” (Cornu, 2019).

- Akerman, M., & Conchão, S. (2020). Cultura do trote universitário: desafios que permanecem. ABCS Health Sciences, (45). <https://www.portalnepas.org.br/abcshealth/article/view/1451/1109>
- Anderson, B. R. O'G. (2008). *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo* (D. Bottman, Trad.). Companhia das Letras.
- Anest, M.-C. (1994). *Zoophilie, homosexualité, rites de passage et initiation masculine dans la Grèce contemporaine*. L'Harmattan.
- Antipoff, D. I. (1964). Aspectos psicológicos e características gerais do trote no Instituto Tecnológico de Aeronáutica. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, (16), 75–103. <https://periodicos.fgv.br/abpt/article/view/14965/13864>
- APG-ITA – Associação de Pós-Graduandos do Instituto Tecnológico de Aeronáutica. (2025). *Disciplina consciente*. <https://apgita.org.br/academico/disciplina-consciente/>
- Birnbaum, D., & Olsson, A. (2009). An interview with Jacques Derrida on the limits of digestion. *E-flux Journal*, 2. <https://www.e-flux.com/journal/02/68495/an-interview-with-jacques-derrida-on-the-limits-of-digestion/>
- Bloch, M. (1992). *Prey into hunter: The politics of religious experience*. Cambridge University Press.
- Cornu, L. (2019). A desconstrução como memória e como chance. In F. Ceppas & G. Chataignier (Orgs.), *Revista Latinoamericana do Colégio Internacional de Filosofia – Dossiê 50 Anos de Desconstrução*. <http://www.revistalatinoamericana-ciph.org/wp-content/uploads/2020/02/numeroespecialcompletoRLCF.pdf>
- Darembert, C. V., & Saglio, E. (1892). *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines, d'après les textes et les monuments* (T. 2, pt. 1). Hachette. <https://dagr.univ-tlse2.fr/>
- Derrida, J. (1990). *Rhétorique du cannibalisme* [Seminário inédito, manuscrito]. Cópia de Filipe Ceppas para uso em aula.
- Derrida, J. (1999). *O olho da universidade* (R. I. Canko & I. A. Neis, Trad.). Estação Liberdade.
- Detienne, M. (1998). *Dionysos mis à mort*. Gallimard.
- Detienne, M., & Vernant, J.-P. (1979). *La cuisine du sacrifice en pays grec*. Gallimard.
- Dicionário etimológico da mitologia grega. (2013). https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/409973/mod_resource/content/2/demgol_pt.pdf
- Edinger, E. F. (2024). *A Bíblia e a psique: simbolismo da individuação no Antigo Testamento* (P. F. Valério, Trad.). Vozes.
- Fante, C. (2008, fevereiro). Brincadeiras perversas. *Mente & Cérebro*, (181), ano XV.
- Ferrão, A. D. (1912). *Palito métrico*. Livraria Neves.
- Fraser, N. (2024). *Capitalismo canibal: Como nosso sistema está devorando a nossa democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso* (A. Scátola, Trad.). Autonomia Literária.
- Gennep, A. van. (2011). *Os ritos de passagem* (M. Ferreira, Trad., 3^a ed.). Vozes.
- Gomes, L. F., & Belderrain, M. C. N. (2004, setembro). Disciplina consciente: experiência do Instituto Tecnológico de Aeronáutica – ITA. XXXII Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia – COBENGE. https://admin.abenge.org.br/cobenge/legado/arquivos/15/artigos/08_045.pdf
- Heródoto. (2019). *História* (J. B. Broca, Trad., Vol. 1, 3^a ed.). Nova Fronteira.
- Hubert, H., & Mauss, M. (2013). *Sobre o sacrifício* (P. Neves, Trad.). CosacNaify.
- Mattoso, G. (1985). *O Calvário dos Carecas: História do trote estudantil*. EMW.
- Neves, G. S. (2016, janeiro 1). Frases-feitas. *Estação Capixaba*. <https://estacaocapixaba.com.br/frases-feitas/>
- Novalis. (1997). *Philosophical writings* (M. M. Stoljar, Trad.). State University of New York Press.

- Rodrigues, C. F. A., et al. (2020, set./out.). Estado de exceção como regra: práticas nazistas nos trotes universitários. *Brazilian Journal of Health Review*, 3(5), 13477–13493.
<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/17496/14201>
- Salvaterra, V. C. (2020, out./dez.). Comer al otro: retóricas de la alimentación: una lectura del seminario inédito *Manger l'autre* de Jacques Derrida (1989–1990). *Trans/Form/Ação*, 43(4), 343–368. <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/7474/9590>
- São Paulo. (1999). Lei nº 10.454, de 20 de dezembro de 1999: Dispõe sobre a proibição de trote que possa colocar em risco a saúde e a integridade física dos calouros das escolas superiores, e dá outras providências. <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1999/lei-10454-20.12.1999.html>
- São Paulo. (2024). Lei nº 18.013, de 05 de agosto de 2024: Obriga as instituições de ensino técnico e superior a tomarem medidas de prevenção e responsabilização diante de casos de violência envolvendo seus estudantes. <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2024/lei-18013-05.08.2024.html>
- Theoi. (2024). Hymenaios. <https://www.theoi.com/Ouranios/ErosHymenaios.html>
- Zuin, A. A. S. (2002). O trote na universidade: passagens de um rito de iniciação. Cortez.
- Zuin, A. A. S. (2011, maio/ago.). Trote universitário como violência espetacular. *Educação e Realidade*, 36(2), 587–604. <https://seer.ufrrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/13132/12929>

Filipe Ceppas

Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro; professor no Mestrado Profissional do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro. Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Brasil).

Franklim Drumond de Almeida

Mestre e licenciado em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia; bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (Brasil).